



Inovação que sustenta

CIÊNCIA, BIOTECNOLOGIA E AGRICULTURA MOLDAM O FUTURO SUSTENTÁVEL DO BRASIL



Ariovaldo Zani,
CEO do Sindirações

O Brasil ocupa posição estratégica no debate global sobre sustentabilidade, clima e segurança alimentar, encontrando-se diante da necessidade de harmonizar ciência, inovação, biologia e agricultura em um contexto de transição ecológica acelerada. A crise climática impõe ao país o desafio simbólico e político de ser uma *vitrine* de soluções sustentáveis ou uma *vidraça* vulnerável às pressões internacionais. Esse dilema se intensifica porque,

apesar de integrar o conjunto das atividades antropogênicas emissoras de gases de efeito estufa, a agropecuária brasileira consolidou, nas últimas décadas, um conjunto robusto de práticas sustentáveis que incluem a recuperação de pastagens, a expansão dos biocombustíveis, a integração lavoura-pecuária-floresta e o reflorestamento. Tais avanços conferem ao país legitimidade para reivindicar protagonismo na agenda climática, embora compromissos internacionais como a meta

de redução de 30% das emissões de metano até 2030 ampliem o escrutínio sobre o setor pecuário.

Nesse cenário, a interação entre mitigação e adaptação emerge como eixo estruturante da transição agroambiental. A mitigação, apoiada em práticas nutricionais integradas, aditivos capazes de reduzir a fermentação entérica e sistemas produtivos de maior eficiência, visa reduzir as emissões e aumentar a sustentabilidade de longo prazo. A adaptação, por sua vez, responde às crescentes >

ameaças associadas à variabilidade climática, como estiagens severas e enchentes recorrentes, demandando sistemas resilientes que protejam cultivos, rebanhos e comunidades rurais. A articulação dessas duas frentes fortalece a capacidade do Brasil de manter sua posição como fornecedor global de alimentos, fibras e energia limpa em meio a uma transição energética marcada por desafios inflacionários e estruturais.

Paralelamente às demandas climáticas, o país desponta como liderança mundial no setor de bioinsumos, impulsionado pela biodiversidade singular, pela maturidade científica e pelo recente marco regulatório atualizado pela Lei nº 15.070/2024. Com crescimento médio anual de 21% nos últimos três anos — ritmo quatro vezes superior à média mundial — o mercado brasileiro de bioinsumos vem revolucionando o manejo agrícola ao reduzir a dependência de insumos químicos e promover a agricultura regenerativa. A nova legislação fortalece conceitos, simplifica processos de registro, incentiva a produção *on farm* e organiza categorias como biofertilizantes, bioestimulantes e inoculantes, ampliando a base tecnológica e regulatória necessária para expansão segura do setor.

Instituições como a EMBRAPA e o SENAI desempenham papel central na pesquisa, desenvolvimento e escalonamento industrial, fornecendo suporte científico, biobancos e infraestrutura para inovação, muito embora persistam desafios relacionados à padronização, eficácia em campo, viabilidade microbiana, biossegurança e proteção de propriedade intelectual, aspectos essenciais para consolidar a compe-

titividade brasileira na bioeconomia emergente.

As inovações em genômica, metagenômica, formulações microbianas consorciadas e agricultura digital reforçam a tendência de integração entre biotecnologia e práticas agrícolas sustentáveis. Esses avanços constroem um ambiente fértil para o desenvolvimento de uma agropecuária de baixo carbono, capaz de responder simultaneamente aos imperativos produtivos e climáticos.

A realização da COP-30, em Belém, representou oportunidade singular para o Brasil projetar internacionalmente suas soluções agroambientais e consolidar sua liderança em agricultura sustentável e

biotecnologia. A escolha entre ser *vitrine* ou *vidraça* depende da capacidade conjunta de governos, setor produtivo e sociedade civil transformar vantagens comparativas em liderança global efetiva.

Se guiado pela ciência, pela inovação e por estratégias de adaptação bem estruturadas, o país poderá não apenas contribuir decisivamente para um planeta mais sustentável, mas também reafirmar seu papel como protagonista da bioeconomia e da segurança alimentar mundial.

ARIOVALDO ZANI,
CEO do Sindirações

Proteínas e alimentação animal espelham vigor

EM MEIO A PRESSÕES ECONÔMICAS E SANITÁRIAS, A PRODUÇÃO CRESCE, AS EXPORTAÇÕES RESISTEM E O BRASIL CONFIRMA LIDERANÇA E EFICIÊNCIA NO SETOR

De janeiro a setembro, a indústria de alimentação animal brasileira produziu 66,5 milhões de toneladas de rações, crescimento de 2,0% em relação ao mesmo período de 2024, enquanto a previsão é totalizar quase 90 milhões de toneladas (exceto suplementos minerais) durante o ano de 2025 e avançar 2,8%

sobre o montante apurado no ano passado.

A avicultura de corte demandou 28 milhões de toneladas de rações até setembro e manteve estabilidade apesar dos embargos sanitários vinculados à influenza aviária. As projeções da Associação Brasileira de Proteína Animal/ABPA indicam produção superior a 15 milhões >

de toneladas de carne de frango durante o ano corrente, alavancada pelo incremento da demanda interna (estimada em 47,8 kg/habitante/ano), mesmo diante de um cenário de exportações relativamente estáveis. A previsão é contabilizar 37,9 milhões de toneladas de rações para frangos de corte até o final desse ano.

No segmento de postura comercial, dados preliminares do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE apontam expansão de 2,8% na produção de ovos, quando comparados os 3º trimestres desse ano e do anterior. A demanda acumulada por rações para atingiu 5,6 milhões de toneladas entre janeiro e setembro, refletindo aumento estrutural do consumo doméstico da referida proteína. A perspectiva é somar algo em torno de 7,4 milhões de toneladas de rações para poedeiras até o final desse ano.

De janeiro a setembro, a suinocultura demandou 16,4 milhões de toneladas de rações, montante que acompanha o aumento de abate de terminados ao longo do ano. Segundo a Associação Brasileira de Criadores de Suínos/ABCS, mesmo diante do expressivo incremento das exportações, a pequena sobreoferta interna de carne suína contribuiu para a estabilidade nas cotações do animal vivo. A expectativa é contabilizar 22 milhões de toneladas de rações para suínos até o final do ano.

Na pecuária leiteira, a captação formal apresentou variação positiva de 8% no período (comparação entre os nove meses de 2025 e 2024), impulsionada por condições ambientais favoráveis, maior oferta de matéria seca e estabilidade relativa dos custos operacionais (alimentação, volumosos e

mão de obra). O setor, contudo, segue em processo de reestruturação, com intensificação tecnológica e concentração produtiva em sistemas de maior escala e eficiência. Contudo, é importante salientar que o aumento da oferta ocorre em ambiente de demanda doméstica estagnada e concorrência ampliada pelas importações de lácteos. A estimativa é que foram produzidas 5,6 milhões de toneladas de ração até setembro desse ano corrente e a previsão é contabilizar 7,3 milhões em 2025.

Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada/CEPEA, a oferta de animais para abate e a disponibilidade interna de carne bovina permanecem elevadas, embora moduladas por restrições de consumo decorrentes da erosão do poder de compra e da recomposição de preços influenciada pelo forte fluxo exportador. A produção de rações para bovinos de corte somou 5,3 milhões de toneladas no acumulado até setembro. O cenário de reposição mais acessível, redução dos custos das rações e concentrados, menor oferta de animais terminados e maior estabilidade nos preços da arroba contribui para melhora na margem líquida dos confinamentos, especialmente no segundo giro anual. A expectativa é superar 7,7 milhões de toneladas até o final do ano.

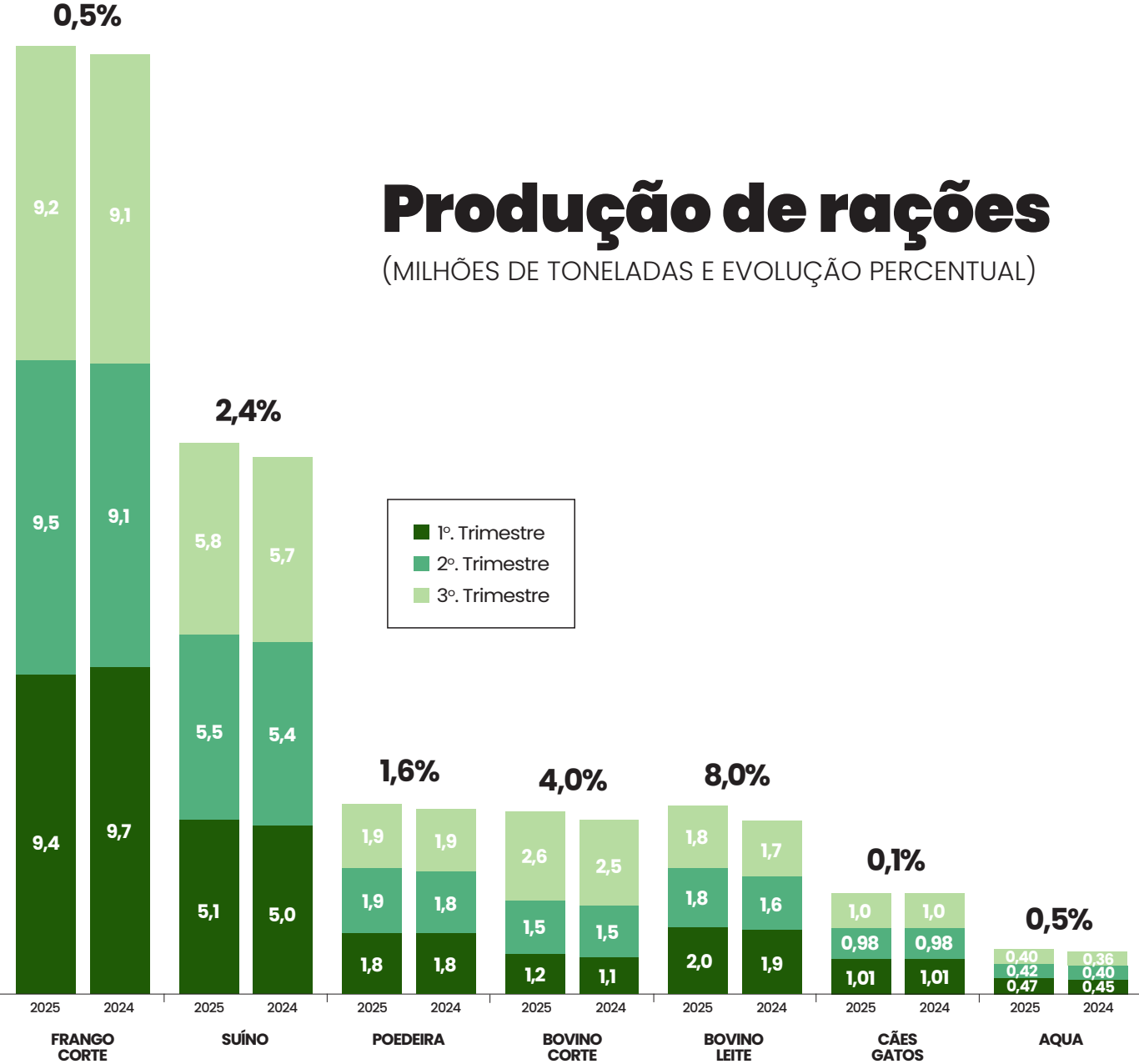
A aquicultura demandou aproximadamente 1,3 milhão de toneladas de rações de janeiro a setembro. Importante ressaltar que, durante o ano corrente, diversos fatores prejudicaram o desempenho da piscicultura industrial – sobretudo da produção de tilápias –, dentre eles, o tarifaço sobre as exportações aos Estados Unidos, as importações do Vietnã e, curiosamente, a lista

de espécies invasoras elaborada pelo Ministério do Meio Ambiente. No caso da carcinicultura, o incremento na produção se deu por conta do estabelecimento de grandes fazendas, uso de alimentadores automáticos, areação com melhora no conforto e apetite e densidades de estocagem mais baixas que aceleraram o crescimento e a taxa de sobrevivência. Essa combinação aumenta a produtividade por área e tempo, ou seja, mais quilos por hectare a cada ano. A expectativa é somar aproximadamente 1,9 milhão de toneladas em 2025.

De janeiro a setembro, os cães e gatos consumiram algo em torno de 3 milhões de toneladas de alimentos industrializados, enquanto até dezembro devem ser consumidas cerca de 4 milhões de toneladas. Do montante, aproximadamente 80% é destinado aos cães, 19% aos gatos e 1% aos pássaros e peixes ornamentais, répteis e pequenos mamíferos, segundo segregação informada pela Associação Brasileira das Empresas do Setor de Animais de Estimação/ABEMPET.

A cadeia de proteína animal mantém elevado nível de resiliência sistêmica, sustentada por ganhos de eficiência zootécnica, padronização nutricional e avanço nas tecnologias de produção e, a despeito das barreiras tarifárias recentemente impostas por mercados externos, nosso parque industrial preserva competitividade exportadora e robustez operacional.

A consolidação da nutrição de precisão e dos sistemas de produção intensivos reforça a previsibilidade técnica, a eficiência econômica e a posição estratégica do país no cenário global das proteínas animais.



Fonte: Sindirações

Produção de rações

(milhões de toneladas)

SEGMENTO	2023	2024*	%	2025**	%
AVES	43,4	44,1	1,5	45,3	2,6
FRANGOS CORTE	36,5	36,9	1,0	37,9	2,6
POEDEIRAS	6,90	7,18	4,1	7,35	2,4
SUÍNOS	20,8	21,6	3,7	22,0	2,0
BOVINOS	13,5	14,3	6,3	15,0	4,9
LEITE	6,9	7,1	2,5	7,3	2,7
CORTE	6,55	7,22	10,2	7,73	7,0
CÃES E GATOS	3,88	4,01	3,5	4,04	0,8
EQUINOS	1,00	1,00	0,0	1,003	0,4
AQUACULTURA	1,65	1,79	8,7	1,95	8,8
PEIXES	1,43	1,57	9,8	1,70	8,7
CAMARÕES	0,224	0,227	1,6	0,249	9,7
OUTROS	0,620	0,625	0,8	0,631	1,0
TOTAL RAÇÕES	84,9	87,5	3,0	89,9	2,8
SAL MINERAL	3,37	3,61	7,0		
TOTAL GERAL	88,3	91,1	3,2		

*Estimativa; **Previsão Fonte: Sindirações



Empresas Associadas

